



Na Mídia

22/11/2023 | [Valor Econômico](#)

Empresários preveem piora do quadro em 2024

Diretor de entidade que reúne empresas argentinas e brasileiras considera cenário de inflação ainda mais alta nos primeiros meses do ano que vem

Marcos de Moura e Souza | Stella Fontes

Empresas argentinas e brasileiras que têm unidades e operações nos dois países estão tentando ajustar seus planos após a vitória de Javier Milei.

Ainda que haja muitas especulações sobre como será o novo governo, o cenário que essas empresas traçam é de otimismo com o tom pró-mercado que domina os discursos de Milei.

Mas há também uma percepção de que, antes de uma desejada melhora no quadro geral da economia, a Argentina mergulhará, no primeiro semestre de 2024, em uma crise inflacionária ainda mais grave do que a atual.

É o que diz o economista argentino Federico Servideo, diretor-presidente da Câmara de Comércio Argentino Brasileira de São Paulo, que desde a eleição de domingo recebeu uma enxurrada de ligações de empresários e executivos, entre eles brasileiros, interessados em projeções sobre como será a Argentina sob Milei.

“As dificuldades nos primeiros meses do governo já estão sendo consideradas pelas empresas. Nenhum dos empresários com quem eu tenho conversado espera uma solução mágica para a Argentina, nenhuma melhora do dia para a noite”, disse ele ontem ao Valor.

As empresas já consideram dificuldades nos primeiros meses.”

Federico Servideo

Servideo cita a promessa de Milei de interromper a emissão de pesos como um caminho para deter a escalada de preços, atualmente em mais de 140% ao ano. Para o dirigente empresarial, se houver mesmo um freio na emissão de moeda, um efeito colateral será - ao menos em um primeiro momento - de mais inflação.

“Alguns economistas estão falando em inflação mensal de 15% nos primeiros quatro a seis meses de 2024”, disse ele. “E que só no fim de 2025 a inflação anual estará em cerca de 40%.” A inflação mensal de outubro ficou em 8,3% e a anual em 142,7%.

Os primeiros seis meses serão críticos, avalia Servideo, repetindo uma leitura que tem sido feita por muitos analistas. “O melhor é olhar para o médio e para o longo prazo.” O economista avalia que empresas que tenham operações eficientes e competitivas poderão ter a chance de aproveitar melhor o mercado argentino se os ajustes prometidos por Milei derem resultado.

Na avaliação de um grande industrial brasileiro, Milei traz a esperança de que a Argentina possa voltar a entregar o retorno justo para investidores que apostaram no país, inclusive com ativos produtivos. Por outro lado, a expectativa é que o futuro governo adote alguma medida mais dura, como elevação de impostos ou algum tipo de confisco, para reverter o grave quadro da economia.

“Sabemos que haverá um preço [com a vitória de Milei], que alguma medida desagradável terá de ser tomada. Mas talvez só isso nos permita ter o retorno adequado pelo risco de estar no país”, disse, ele, que pediu para não ter seu nome citado. “Se o novo governo for rumo a uma economia liberal, estaríamos dispostos até a investir mais na Argentina, porque há muitas oportunidades ali”.

A Câmara de Comércio Argentino Brasileira de São Paulo tem entre seus associados multinacionais com negócios nos dois países, como Bosh, PwC e Santander, e grupos brasileiros com braços na Argentina, como a Intercement e Demarest.

Vicunha, Gerdau, Randon, Natura, Gol são outras múltis brasileiras com operações na Argentina - algumas na lista de associadas a outra entidade binacional, a Cámara de Comércio, Indústria y Servicios Argentino-Brasileña, com sede em Bueno Aires.

Servideo lembra que muitas empresas brasileiras começaram e ainda começam seu processo de internacionalização pela Argentina. E que nos últimos anos, muitas delas foram afetadas nos últimos anos pelas restrições de acesso a dólar e também pela inflação.

Com relação à falta de sintonia política entre o presidente Lula e Milei, Servideo diz: “Isso não ajuda, mas não necessariamente atrapalha”. Ele tem repetido nas conversas com empresários e executivos que durante os governos Dilma Rousseff e Cristina Kirchner, as relações comerciais chegaram à marca dos US\$ 40 milhões. As duas são políticas de esquerda, mas tinham pouca afinidade pessoal. “Praticamente não havia diálogo entre elas”, diz o economista.

O que poderia ser, isso sim, um solavanco para os negócios seria uma saída da Argentina do Mercosul. Mas esse é um passo que não parece mais entrar no cenário de riscos de que investe e produz na Argentina.

“Milei tem evoluído. Começou a campanha dizendo que a Argentina tinha de sair do Mercosul, mas depois entendeu que o país não pode sair. E que, sim, é preciso atualizar o bloco, algo que o governo Lula também reconhece.” A melhor forma de atualizar o Mercosul seria, na visão empresarial, fechar o acordo Mercosul-União Europeia, diz Servideo.

